

## OS BENEFÍCIOS DA AFETIVIDADE NO APRENDIZADO DO ALUNO

Aíne Nascimento Ferreira

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: ainenasciferreiragmp@gmail.com)

Pauliane Da Silva Souza

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: paulianedasilvadouza1@gmail.com)

Uinne Silva Martins

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: uinne.jesus@gmail.com)

Simone Pereira de Oliveira Azambuja

Orientadora do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (email: simoneazambuja@yahoo.com.br)

### RESUMO

A afetividade é uma poderosa ferramenta que ajuda no desenvolvimento cerebral e na criação de vínculos mais fortes, promovendo um ambiente mais propício para a aprendizagem, serve ainda para transmissão de exemplos e valores importantes aos alunos, que podem ser levados para a vida toda. O objetivo deste estudo foi identificar estratégias pedagógicas para trabalhar a afetividade em ambiente escolar, através de uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas e artigos, visando conhecer as características da afetividade segundo autores importantes, verificando os benefícios da afetividade para o desenvolvimento da criança e a importâncias do vínculo positivo entre professor/aluno.

**Palavras-chave:** Afetividade. Aprendizagem. Desenvolvimento.

### THE BENEFITS OF AFFECTIVITY IN STUDENT LEARNING

#### ABSTRACT

Affectivity is a powerful tool that helps in brain development and in the creation of stronger bonds, promoting a more conducive environment for learning, it also serves to transmit important examples and values to students, which can be taken for a lifetime. The objective of this study was to identify pedagogical strategies to work on affectivity in the school environment, through bibliographic research in books, magazines and articles, aiming to know the characteristics of affectivity according to important authors, verifying the benefits of affectivity for the development of the child and the importance of the positive bond between teacher/student.

**Keywords:** Affectivity. Learning. Development.

## **1 INTRODUÇÃO**

A afetividade é um elemento tão importante quanto às metodologias de ensino usadas no cotidiano escolar, pois o afeto ocupa posição central na construção do conhecimento. É preciso levar em consideração as relações afetivas que se estabelecem de forma sensível e predominante no dia a dia da criança em todos os ambientes, principalmente no escolar onde a criança passa grande parte do seu dia. Com isso se torna necessário desenvolver uma educação mais humana, onde a criança possa ser tratada como uma pessoa completa.

Todas as ações humanas são carregadas de afeto, as quais influenciam em todo seu desenvolvimento. Por isso no contexto escolar, o professor não se limita a trabalhar apenas os aspectos cognitivos deixando de lado as relações afetivas no aprendizado.

O afeto deve ser considerado um fator pedagógico, pois é o que dá sentido as atividades e a realização. Durante o processo de ensino/aprendizagem a afetividade deve ser um compromisso docente, que deve estabelecer meios para que a aprendizagem seja efetiva e significativa.

O olhar atento ao aluno é um ato afetivo, e ao mesmo tempo uma demonstração de respeito a sua profissão de professor. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas na educação o educador deve sempre encontrar formas de desenvolver práticas onde o afeto esteja presente.

O objetivo deste estudo foi identificar estratégias pedagógicas para trabalhar a afetividade em ambiente escolar, para isto, optou-se pela pesquisa bibliográfica em livros, revistas e artigos, visando conhecer as características da afetividade segundo autores importantes, verificando os benefícios da afetividade para o desenvolvimento da criança e a importâncias do vínculo positivo entre professor/aluno.

## **2 AFETIVIDADE: CONCEITOS E DEFINIÇÕES**

A afetividade é a capacidade individual de experimentar um conjunto de fenômenos afetivos, tais como tendências comportamentais (simpatia, antipatia, comunicabilidade, hiperatividade, etc.), emoções, paixões e sentimentos (COSTA; SOUZA, 2004).

De acordo com Antunes (2008) a origem biológica da afetividade, tem como destaque a significação do “cuidar”. O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria e tristeza. Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência.

A afetividade é um dos fatores que favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, fazendo com que o indivíduo aprenda através dos sentimentos, das emoções e experiências que são trocadas na interação com o outro. Por isso, a afetividade é muito importante na vida das pessoas desde o nascimento e porque é a primeira fase do desenvolvimento humano. O ser humano é um ser afetivo, mas com o passar do tempo acaba se tornando racional (DAVIS; OLIVEIRA, 1994).

Para Zagury (2007) autoestima (autoimagem ou amor-próprio) é a forma pela qual o indivíduo percebe o seu próprio eu. É o sentimento de aceitação ou rejeição da sua maneira de ser. Se a pessoa tem uma visão sobre si de forma positiva, valorizando suas características, pode-se dizer que tem autoestima elevada ou positiva. Em caso ao contrário, ela não se aceita ou se desvaloriza, isto é, se há inconformidade consigo mesma, expõe-se que tem baixa autoestima ou autoestima negativa.

Quando a autoestima é positiva, o indivíduo tem boa imagem de si mesmo, acreditando que os outros gostam dele e confiam em suas habilidades de lidar com os desafios. Quando a autoestima é negativa, acha que não merece o amor de ninguém, não acredita que é capaz de realizar nada sozinho, considerando-se incapaz e que não sabe fazer nada direito (TIBA, 2002).

A afetividade tem sido um assunto bastante comentado no presente século, afetividade na família, na escola, entre pessoas, etc. Estudiosos como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934) atribuíram a importância da afetividade escolar, porém o educador francês Henri Wallon (1879-1962) se aprofundou na questão.

## 2.1 Afetividade e desenvolvimento intelectual na perspectiva de Jean Piaget

Para Arantes (2002, p. 162), “o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento”, pois a afetividade é o combustível que a cognição utiliza para funcionar. Por isso, afetividade e cognição são diferentes, mas inseparáveis em todas as ações simbólicas e sensoriais-motoras. Afeto e cognição são resultado de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes.

Piaget (1996) coloca que no desenvolvimento psicológico da criança, a afetividade e inteligência se relacionam, demonstrando que esses dois aspectos interagem no desenvolvimento do indivíduo, além de afetividade e aprendizagem serem indissociáveis, uma não intervém, na construção da outra.

Piaget (1999) afirma que a afetividade é apenas um item da estrutura que desempenha o funcionamento da inteligência. Do ponto de vista afetivo ocorrem transformações paralelas ao desenvolvimento intelectual, a criança passa a desenvolver seus sentimentos, como: antipatia, simpatia, respeito e outros. Por meio deste desenvolvimento as relações entre os seres humanos passam a se tornar mais complexas de forma que com a formação de sentimentos pelas pessoas elas passam a julgar se gostam ou não umas das outras, podendo estabelecer relações mais amistosas levando em consideração a afinidade que possuem entre si ou podendo estabelecer conflitos.

Segundo Piaget (1996), o desenvolvimento humano se divide em quatro períodos: sensório motor (zero a dois anos), pré-operatório (dois a sete anos), operações concretas (sete a onze ou doze anos) e operações formais (onze ou doze anos de idade, em diante). E, possuem dois componentes indissociáveis: o afetivo e o cognitivo. O ser humano nasce com reflexos inatos como sugar e olhar, porém, sem a capacidade de integrar informações de diferentes sentidos, ainda nos primeiros meses de vida o bebê começa a ter consciência dos eventos que o cercam, a conceituar os objetos e a conhecer o mundo, primeiramente por meio da boca. Para Piaget (1990) a primeira fase de desenvolvimento, existe muito mais troca afetiva e contágios para a criança do que efetivamente diferenciação das pessoas e coisas, o que torna ainda mais importante as interações. Já no período sensório-motor os sentimentos são instintivos ligados às necessidades biológicas de conforto e

desconforto e sentimentos de êxito e fracasso e perceptivos, ou seja, são os primeiros sentimentos que se atribui as coisas e as pessoas.

Todas as emoções e sentimentos do bebê nascem do amor mãe e são centrados no corpo da criança, de acordo com que ele dissocia seu corpo do corpo dos outros a vida afetiva do bebê vai se centrando as outras pessoas como pai e irmãos. Nesse período é predominante o egocentrismo, as crianças acreditam que o mundo gira em de si. Por volta dos dois anos a criança desenvolve os afetos intencionais, passando a fazer imitações e desenvolvendo a linguagem e a memória representacional (PIAGET, 1990).

Conforme Piaget (1996) os quatro principais períodos assim se caracterizam:

- A primeira infância, dos dois aos sete anos, a criança começa a formar classes e séries intuitivas e inacabadas, pois a acomodação está separada da assimilação, consegue formar e falar frases, aprende a ler e a escrever, ou seja, desenvolve a linguagem, aprende a contar histórias, a imaginar e dar vida a seres inanimados ou irreais e a formar imagens mentais, nesse período também se faz presente o pensamento egocêntrico. Os sentimentos podem ser recordados e representados, o raciocínio é semiológico e a criança ao participar de um jogo coletivo, cria suas próprias regras individuais. Os afetos são intuitivos e normativos com a presença de sentimentos de simpatia e antipatia.

- A segunda infância, dos sete aos onze ou doze anos, nesse período a criança consegue dissociar o eu do outro e o amor primitivo (mãe) dos amores sucessivos, tem-se a superação do egocentrismo e o crescimento do pensamento lógico, pois é nessa idade que a criança inicia na escola. A formação dos sentimentos está ligada aos valores morais e a razão estrutura a realidade, os afetos tornam-se estáveis. Nesse período as regras dos jogos são tidas como sagradas e devem ser seguidas por todos os participantes.

- De onze ou doze anos em diante tem-se os pensamentos formados, o adolescente consegue raciocinar de forma lógica e não apenas intuitiva, passam a se espelhar nas pessoas, se preocupam com os valores morais, com o bem-estar físico, começam a questionar, a serem críticos em seu pensar, tendem a se isolar, a ter conflitos pessoais e com a família, há o desenvolvimento dos sentimentos idealistas, busca e planeja algo para o seu futuro. Os afetos se ligam não mais às pessoas e, sim, às ideias.

Em continuidade, Piaget (1990) expõe que o desenvolvimento afetivo ocorre paralelamente ao desenvolvimento moral, e a moral independe dos interesses pessoais do indivíduo, por exemplo, se uma pessoa faz uma ação que a sociedade julga correta visando os próprios interesses, ou deixa de fazê-la por medo de possíveis punições, essa ação não é considerada moral. Complementa ainda Souza (2003), no que se refere à afetividade, ela não se restringe apenas às emoções e aos sentimentos, mas engloba as tendências e a vontade. A afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a seu serviço (LA TAILLE et al., 1992).

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis (PIAGET; INHELDER, 1990).

Piaget (1994) identifica dois aspectos humanos cognitivos que estão ligados as ações, o aspecto cognitivo e o outro afetivo, ele cita também sobre o roubo afetivo momentâneo que seria uma afetividade momentânea para impulsionar a ação, e deixa em ênfase “O juízo moral na criança” preservando a autonomia que cada uma carrega elevando à prática da reciprocidade com simpatia e respeito mútuos. a afetividade comparece como componente de suma importância para a moral da criança.

Segundo Piaget (1994) criaria uma possibilidade de caminhos que ajudasse a criança se encontrar, não em presença de um sistema de instruções e regras, mais de relações sociais em que cada um obedece como é possível às mesmas obrigações, através de um método eficaz de admiração por uma personalidade. Um item importante nessa construção de valores e moral na primeira infância é o respeito, pois dele provem a compaixão e empatia, respeitar o próximo implica a nos conhecer e entender o outro. Tratar bem o próximo é uma maneira de representar a si mesmo, de afirmar os seus valores.

A conclusão que Piaget (1994) chegou a criança revela sua devoção de obediência imposta ao adulto, que se inicia em casa com os pais, eles buscam sua

aprovação, como também, buscam de outros adultos em seu meio, mesmo afirmando que será depois a seus pais, seu bom comportamento se opõe à confiança e afeição mútuas, a uma necessidade que a criança tem de ser correspondida, buscando de uma certa forma uma maior atenção e aprovação.

Para Arantes (2003), Piaget diz que não existe uma ação de forma afetiva sem antes o indivíduo utilizar a cognição, ou seja, o indivíduo precisa por meio de sua inteligência entender a situação pela qual ele passa, para poder agir afetivamente em acordo com o estímulo que sofrer. Para haver a assimilação de algum conteúdo, seja ele teórico, ou prático, seja em uma instituição de ensino ou em um laboratório deve haver uma interação afetiva entre quem explica o conceito e quem recebe a informação. Isso se dá, pois é por meio da interação que surge o interesse pelo objeto. Piaget (1994, p. 17) utiliza uma metáfora entre o motor de um carro e a gasolina da seguinte forma: “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura”.

## **2.2 Afetividade e aprendizagem na teoria de Wallon**

Para Wallon (1978) o termo de sua teoria Psicogênese diz respeito à capacidade do ser humano de ser afetado positivamente ou negativamente tanto por sensações internas como externas, sendo assim se entende que a criança deveria ser compreendida pelos seus aspectos biológicos, afetivos, social e intelectual, sendo de suma importância levar em consideração três campos funcionais, o motor, o afetivo e o cognitivo. E se tratando da afetividade no âmbito pedagógico de fato é um assunto a ser muito comentado

Segundo Wallon e Carvalho (2007) o desenvolvimento do indivíduo acontece a partir das primeiras interações com o meio humano através das emoções que são tidas como descargas de energia e aos poucos, dá lugar aos sentimentos e depois às atividades intelectuais. No início da vida distinguem-se os estados de conforto e desconforto e surgem as emoções básicas a partir dos primeiros reflexos, é a dimensão motora que dá possibilidades para que se estabeleça relações afetivas, os bebês buscam satisfazer suas necessidades.

Para Wallon (1978) o afeto é de importante para que o aluno possa aprender e compreender o sentido da educação afetiva, nesse sentido, Wallon divide o

desenvolvimento em cinco estágios, desenvolvimento esse que é necessário levar em conta para a efetividade da aprendizagem.

- O primeiro estágio é o Impulsivo Emocional que atende crianças de zero a um ano de idade, o primeiro contato afetivo que a criança conhece é a afetividade maternal no qual a mãe apresenta a criança logo nos seus primeiros dias de vida, ao longo do crescimento a criança irá demonstrando carinho através do contato corporal, movimentos corporais, e do toque. É a partir da interação com o outro que a criança se familiariza, interage e começa a entender o mundo no qual ela está inserida, assim o aprendizado será construído ao longo de seu desenvolvimento.

- O segundo estágio é o Sensorio Motor e Projetivo, que atende a criança de um a três anos de idade. Ao longo do seu desenvolvimento a criança estabelece uma relação com objetos através do contato, o que faz com que ela tenha curiosidade para entendê-los, o que é, para que serve, qual o seu nome e como ele funciona. Nesse processo da educação, é necessário que o educador esteja disposto para inserir a criança em um espaço diversificado para que eles entrem em contato com diversos objetos e vivências, o que facilitará o processo de diferenciação de cada um deles.

- O terceiro estágio é o Personalismo, atende crianças de três a seis anos de idade. O importante nesse estágio é reconhecer e respeitar as diferenças que começaram a surgir no meio da criança valorizando e dando expressão à essas diferenças, nesta fase a criança começa a descobrir diferenças, tanto de outras crianças quanto do adulto é importante que a mesma entre em contato com outras crianças de outras idades para que ela possa valorizar tais distinções.

- O quarto estágio é o categorial, atende crianças de seis a onze anos. Nessa idade e onde ocorre a diferenciação mais nítida entre o eu e o outro, nessa fase é de suma importância já levar em consideração o que a criança já sabe e o ensiná-la o que ela deverá saber ao longo do aprendizado, nessa fase ela já consegue seguir seus conceitos e ideais para descobrir o mundo, nesse sentido é importante trabalhar valores, sentimentos, para que auxiliem na continuidade dessas descobertas que também é o que irá favorecer ou não o seu desenvolvimento.

- O quinto e último estágio é a Puberdade e Adolescência, atende crianças de onze anos em diante. Aqui o sujeito já tem ciência de quem ele é, dos seus valores, tem autonomia, sentimentos próprios, e autoafirmação. Nesse processo de

aprendizagem é necessário que o sujeito tenha um espaço em que ele possa se expressar e construir suas vivências e descobertas baseadas no respeito mútuo.

Wallon foi e é de extrema importância para o conhecimento afetivo no âmbito pedagógico, proporcionou estudos sobre o conteúdo, que muito se ouve falar até nos dias de hoje, o que foi de extrema importância para o desenvolvimento deste artigo científico.

### **2.3 A Afetividade e a Aprendizagem na teoria de Vygotsky**

Conforme Vygotsky (2001) afirma que a emoção é uma reação que reflete a alguns estímulos que são mediados pelo meio que está inserido. As emoções influenciam e diversificam diretamente o comportamento, por isso, quando as palavras são ditas com sentimentos agem diferente no indivíduo. Cabe ao professor não somente fazer com que o aluno apreenda e assimile o que é proposto, mas que ele seja capaz de sentir o que é passado conectando às emoções, é importante que o professor se preocupe em conectar um novo saber as emoções, do contrário o saber torna-se morto.

Vygotsky (1998) contribuiu significativamente para os estudos do tema afetividade e aprendizagem, e um dos conceitos centrais de sua teoria é o conceito de mediação. Ao invés da aprendizagem ser considerada um simples estímulo-resposta, ele defende a ideia de algo mais complexo o ato mediado. A mediação teria como característica a relação do homem com o mundo e com os outros homens, sendo através dessas relações que as funções psicológicas superiores que são especificamente humanas se desenvolvem. O autor defende que as aprendizagens se dão em forma de processos que incluem: a relação entre aquele que ensina e o que aprende, onde o meio cultural vai interferir no desenvolvimento interno do indivíduo.

Nesse sentido, Vygotsky (1998) começou a pensar no conceito de zona de desenvolvimento proximal: onde a criança, durante todo o seu desenvolvimento, possui um nível de desenvolvimento real e um nível de desenvolvimento potencial. O real representa a capacidade que a criança tem de realizar tarefas sozinhas, independente. O potencial compreende sua capacidade de desempenhar tarefas com auxílio de adultos. A distância entre esses dois níveis é a zona de desenvolvimento proximal.

Vygotsky (2007) afirma que o desenvolvimento e o aprendizado estão interligados desde o primeiro dia de vida. Estas relações se dividem em dois tipos, o real e o potencial que fazem base na zona de desenvolvimento proximal.

[...] A zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinada através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Vygotsky (2001) discorre que o homem se constitui na interação com o meio que está inserido. Sabendo disso, para o indivíduo desenvolver a afetividade, primeiramente a criança deve estar inserida em um ambiente afetivo.

Acerca disto, Vygotsky (1998) aponta que o cognitivo e afetivo sofrem influências mútuas, pois quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente.

Em consonância, Vygotsky (2007) ressalta que as emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento. As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Para que os alunos recordam melhor ou exercitem mais seu pensamento, deve-se fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente.

## 2.4 Afetividade em sala de aula

Celidônio (1998) define aprendizagem como um processo em que a personalidade da criança possa se desenvolver autonomamente e não como reflexo de um certo modelo de indivíduo que a família ou a sociedade julgam ideal. Assim sendo, o processo de aprendizagem, ao invés de ser visto de forma mecânica e estática, deve ser visto como um processo ativo em que a aquisição de padrões de conteúdos, por parte de um indivíduo, envolve um processo de atribuição de significado àquilo que é aprendido.

“A aprendizagem é um processo, isto é, uma atividade interior que tem início, desenvolvimento e fim. Nesse sentido, a aprendizagem é algo muito pessoal, mas que pode ser influenciada, com êxito, por pessoas habilitadas e através de estímulos e técnicas” (XAVIER, 2003, p. 124). Essa concepção supõe a superação da noção comum, na nossa tradição educacional, que identifica o conhecimento somente como conteúdo expresso nos livros e programas de ensino, como algo pronto e acabado que só poucos podem produzir. Supõe também superar a concepção de currículo como algo estático, em que as preocupações se limitam somente a colocar ou retirar disciplina do plano curricular, aumentar ou reduzir a carga horária.

Em destaque, Guimarães (2013) afirma que no ambiente escolar essas múltiplas dimensões envolvem alguns fatores que devem ser considerados como, por exemplo, as condições do local, as condições pessoais de interação com o meio e as diferenças culturais, onde irão favorecer ou dificultar as condições de aprendizagem. No que se refere às condições do local, é necessário analisar os espaços que favorecem o desenvolvimento da aprendizagem, trazendo uma reflexão sobre a qualidade dos espaços planejados para o trabalho educacional com crianças pequenas. Para que essa reflexão ocorra é preciso compreender o que é educação e como a organização dos espaços pode interferir na concretização dos projetos educacionais.

A influência exercida por cada pessoa sobre a criança varia muito; nos primeiros anos ela é influenciada pelos pais e familiares, com o crescimento aparecem os professores, os colegas e os amigos. Por isso, o mundo escolar é determinante na vida da criança, pois ela passa grande parte de sua vida e de seu tempo no ambiente escolar com os professores e colegas que contribuem ativamente para o seu desenvolvimento pessoal (CHALITA, 2001).

Diante disso, a conquista do disciplinar que possibilita o bom desenvolvimento da autoestima e eficácia na aprendizagem da criança depende da relação afetiva do professor, do conhecimento e da capacidade de intervir no processo. Sempre há possibilidade de ajudar e incentivar corretamente a criança no processo ensino-aprendizagem (ZAGURY, 2007). No relacionamento professor-aluno, a afetividade facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois o forte vínculo afetivo dá à criança maior conforto e segurança nas suas construções.

Somente o docente é capaz de servir de modelo para seu aluno, evidenciando sua postura nas relações e interações, respeitando as limitações de cada professor, é preciso que sua prática pedagógica seja pautada na afetividade. O professor é o grande responsável por estimular e manter esse vínculo afetivo; é a figura do professor que fornece segurança ao aluno no ambiente escolar e em seu envolvimento com o processo ensino-aprendizagem. (MOREIRA; SILVÉRIO JUNIOR, 2017, p. 202).

Chacón (2003) aponta que o professor deve se transformar em alfabetizador emocional, ajudando os alunos a perceber suas emoções e a adquirir o domínio afetivo sobre as emoções negativas. A afetividade pode ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

De acordo com Garcia, Cunha e Azevedo (2021) primeiramente para que se obtenha uma educação efetiva é necessário criar um vínculo afetivo entre professores e alunos, dessa forma é construída uma relação de confiança, facilitando a aprendizagem do aluno. Quando o aluno confia no professor ele expõe as suas dificuldades, e assim o professor consegue criar estratégias para resolver essas questões, pensando nos alunos de forma única e considerando que cada um absorve e aprende o que é proposto de formas diferentes, quando o professor se atenta a isso ele consegue alcançar os objetivos sugeridos para a turma.

Vygotsky (2001) comenta sobre a relação professor-aluno com relação à afetividade “o mestre deve viver na comunidade escolar como parte inalienável dela e, nesse sentido, as suas relações com o aluno podem atingir tal força, transparência e elevação que não encontrarão nada igual na escola social das relações humanas”

Segundo Garcia, Cunha e Azevedo (2021) quando a vivência entre educando e educador é afetiva, os alunos demonstram interesse pelas aulas, aguçam a

curiosidade e eles desejam aprender as atividades e conteúdos propostos pelo professor, quando o regente deixa que os alunos desenvolvam seus argumentos e demonstrem suas opiniões sem interrompê-los, mostrando interesse e provando que o raciocínio do aluno é importante para ele, a criança entende que tem poder de fala e que pode expressar abertamente as suas ideias, com isso são formados alunos com senso crítico, que buscam por respostas e contribuem positivamente para a sua comunidade, com essas ações o professor leva ao entendimento dos seus alunos que ele também aprende diariamente ao ouvi-los.

De acordo com Rodrigues e Dias (2013) criar estratégias eficazes para solucionar dificuldades surgidas no aprendizado é papel do professor e compreender que mesmo que uma estratégia funcione para um aluno nem sempre funcionará com todos, é nesse momento que devem ser traçadas novas formas para alcançar os objetivos propostos, atribuindo-as de forma afetuosa, para que os alunos tenham uma aprendizagem significativa. Para criar métodos para que as crianças aprendam, o professor deve levar em consideração que cada discente vem de um contexto diferente e por suas vivências aprendem diferentemente, por isso é importante que o docente analise o meio em que a criança vive para planejar possíveis soluções de acordo com cada particularidade.

É necessário que no dia a dia o docente perceba as áreas em que seus alunos necessitam de uma ajuda para alcançar os resultados sugeridos. Ao demonstrar interesse pelas necessidades do aluno o professor prova que está disposto a contribuir para a formação social e pessoal dos seus discentes. Uma criança amada pelo seu professor e pela sua família obtém resultados positivos e consegue demonstrar pelas pessoas ao seu redor o mesmo que recebe diariamente (GARCIA; CUNHA; AZEVEDO, 2021).

Sabemos que a criança vem de diferentes contextos, sejam eles sociais, culturais, econômicos, dentre outros que oferecem estímulos diversificados. É importante que o professor se aproprie dessas particularidades que envolvem seus alunos a fim de compreender suas necessidades, valorizando e fortalecendo os processos de autoestima das crianças (RODRIGUES; DIAS, 2013, p.10).

Conforme Garcia, Cunha e Azevedo (2021) todas as ações e comportamentos de um modo geral, tem intenções de acordo com cada indivíduo, sejam elas positivas ou negativas, pois existe uma relação entre intenção e comportamento, a intenção

tem um impacto em nossas vidas nos levando a certos comportamentos mediante a alguns estímulos que se sofre na era presente, conforme se vê o eu com o mundo.

Cury (2019) ressalta que o comportamento de ambos envolvidos na relação professor e aluno vem através de uma intenção que cada um trará à tona com seus interesses, é impossível desvincular a realidade de mundo vivenciada, com a do ensino e aprendizagem, um tempo de qualidade em que o docente faz esse papel de conquista e construção de afeto com os discentes é de grande valor, construir essa relação pode demorar, mas jamais será perda de tempo.

A relação professor/aluno é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno, criando esse vínculo o professor transmite confiança e o dessa maneira o aluno aprende com mais facilidade. Para obter bons resultados é necessário estar disposto a assumir e se dedicar a educação, buscando sempre novas práticas e novas visões, uma delas é estar aberto a entender a vivência do aluno, mostrando interesse e preocupação com o que o aluno pensa e vive.

### **3 METODOLOGIA**

Para realização desta pesquisa utilizou-se a pesquisa bibliográfica que é desenvolvida com materiais antecipadamente elaborados, trazendo como exemplos, livros e artigos científicos. O intento foi obter e repassar um vasto conhecimento acerca do tema, por meio de pesquisas sólidas e objetivas.

Segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”.

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após análise das teorias da afetividade e do desenvolvimento humano que foi possível identificar o quanto este elemento interfere na formação humana, fazendo parte integrante da personalidade de cada um e estabelecendo a sua individualidade.

Quando se pensa em afetividade só é possível compreendê-la através da relação com o outro, na vivência, entre familiares, entre professor e aluno. O vínculo afetivo na escola ajuda no processo de aprendizagem, pois a criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de chegar perto do aluno; a ludicidade, em parceria, é um caminho estimulador e enriquecedor para atingir uma totalidade no processo do aprender, quando há aprendizado de fato.

Todo ser humano precisa de limites, mas de carinho e amor também. Um educando aprende o que é respeito e respeita a partir do momento em que vê o educador como um amigo que tem e espera respeito, como alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos.

Junto a afetividade a motivação é um instrumento que envolve todas as relações de aprendizagem professor-aluno. Mesmo que o aluno domine as operações formais e disponha de conhecimento adequado, necessita atribuir um sentido ao que aprende. Tal sentido é transmitido pela interação professor-aluno e engloba os fatores psicológicos de caráter afetivo, que nessa relação são mediados pela percepção que o aluno tem de si mesmo (autoconceito), a percepção que tem do professor, suas expectativas e o valor que atribui a si próprio (autoestima).

É fundamental que no contexto escolar seja trabalhado a integração afetividade-aprendizagem nas mais variadas situações, considerando-a essencial na prática pedagógica e não a julgando como simples alternativa da qual pode-se lançar mão quando se deseja fazer uma “atividade diferente” na escola. Essa articulação deve ser uma constante busca de todos que concebem o espaço escolar como local privilegiado na formação humana. Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação.

O sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, mediante a mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro. Portanto, a sala de aula precisa ser espaço de formação, de humanização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade – o desenvolvimento do ser humano.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Como ensinar com afetividade**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

ARANTES, V. A. **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Atlas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Afetividade no cenário da educação: psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

CELIDÔNIO, R. F. Trilogia inevitável: família, aprendizagem, escola. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 17, 1998.

CHACÓN, I. M. G. **Matemática emocional: os afetos na aprendizagem matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. 15. ed. São Paulo: Gente, 2001.

COSTA, K. S. da; SOUZA, R. K. M. de. **O aspecto sócio-afetivo no processo ensino aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 2004. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/57356188/o-aspecto-socio-afetivo-no-processo-ensino-aprendizagem-na-visao-de-piaget-vygot>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CURY, A. **20 regras de ouro para educar filhos e aluno: como formar mentes brilhantes na era da ansiedade**. São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2019.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de M. R. de. **Psicologia na educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GARCIA, K.; CUNHA, L. de O.; AZEVEDO, G. X. O afeto como estímulo para a aprendizagem nas séries finais da educação infantil. **Reeduc – Revista de Estudos em Educação**, v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/11559>>. Acesso em: 23 out. 2022.

GUIMARÃES, D. de O. **Educação infantil: espaços e experiências**. 2013. Disponível em: <<https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/EDUCA%C3%87%C3%83O-INFANTIL-ESPA%C3%87OS-E-EXPERI%C3%80NCIAS.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2019.

LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. 21. ed. São Paulo: Summus, 1992.

MACEDO, N. D. de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOREIRA, B. B; SILVÉRIO JÚNIOR, R. C. A importância da afetividade na aprendizagem. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro SP, v. 4, n. 1, p. 199-213, 2017.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

\_\_\_\_\_. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

\_\_\_\_\_. Os procedimentos da educação moral. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco Estudos da Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

\_\_\_\_\_.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

RODRIGUES, P. R.; DIAS, V. V. G. **Relação de afetividade entre professor e aluno**: implicações ao processo de ensino e aprendizagem. 2013. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Pedagogia Comunitária da Serra, Serra, 2013.

TIBA, I. Auxílio de terceiros. In: \_\_\_\_\_. **Quem ama educa!** 96. ed. São Paulo: Gente, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Icone, 1998.

WALLON, H. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

\_\_\_\_\_.; CARVALHO, C. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XAVIER, I.M. Currículo como expressão do projeto pedagógico: um processo flexível. In: COUTINHO, R. Q.; MARINO, J. G. (Org.). **Fórum de pró-reitores de graduação das universidades brasileiras**: resgatando espaços e construindo ideias – de 1997 a 2003. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2003. p. 103-117.

ZAGURY, T. **Como agir para ajudar**: escola sem conflito parceria com os pais. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.